

## Joanyr de Oliveira o sobrevivente

Adércio Simões Franco

A trajetória existencial de Joanyr de Oliveira não foi fácil. Realmente o título que escolheu para a sua autobiografia – *Memorial do Sobrevivente*, revela uma realidade muito humana e muito sofrida. Inúmeras vezes Joanyr conheceu a miséria na vida – a miséria da fome, a miséria social, a infidelidade de amigos.

Entre as remotas lembranças está a do seu pai, angustiado, carregando achas de lenha, retratando na face o sofrimento de desempregado.

Assim se expressa o autor: “Duas imagens vêm daí. Marcaram-me a vida, profundamente. O homem que dá tudo de si pela família e o cidadão engajado na luta pelos mais humildes e carentes.” (Pág.17) Este engajamento faz o filho se entusiasmar com o comunismo.

Um acontecimento vai criar uma trajetória que marcou a sua vida. Seu tio alcoólatra e agressivo teve a coragem de se tornar evangélico, tornando-se abstermico e sua vida tumultuada mudou radicalmente, o que impressionou aquele jovem. Ele decidiu-se por ser evangélico, eclodindo uma guerra entre família.

Para seu pai era “intolerável ofensa” optar pelo convívio com os “fanáticos”. “Queria vê-lo sair de casa com seu diploma de doutor, não a seguir pelos caminhos da ignorância.” (20) Começam aí as séries de sobrevivência, o ideal religioso versus inspiração marxista do pai.

Aos dezessete anos muda-se com a família para Vitória, Espírito Santo e lá inicia carreira jornalística na *Folha Capixaba* e atividade jornalístico-literária no jornal

*A Gazeta*. Sente-se decepcionado pelo comunismo, vendo-se sem rumos. Via companheiros seus sumirem do mapa, os sonhos prometidos pelo stalinismo não se realizavam (18).

Empolgou-se com a vida militar e com orgulho vestiu a farda verdeoliva. Um dia foi surpreendido com uma detenção – pensaram que entrou nas fileiras do exército como espião e de nada valeram seus argumentos de que era cristão e repudiara o comunismo. Foi torturado com sessões que duravam horas e ameaçado de ser jogado à noite em alto-mar. Ensinava hinos e ministrava lições bíblicas aos colegas de cela – muitos o viam como prova de insanidade mental. Depois de muito sofrimento foi libertado graças à liderança de sua igreja. Joanyr sobrevive a este golpe. Seu pai lhe dá um ultimato: “ou renuncia a essa ‘esdrúxula’ seita ou não haverá mais lugar para você nesta casa” (28).

Diante dos insucessos muda-se para o Rio, mas por pouco tempo; vai para São Paulo. Joanyr conhece a fome! “Na luta por espaço, fui bem provado. Dia houve em que não dispunha sequer de um prato de comida. Não tinha coragem de estender a mão a ninguém, os princípios ministrados por meu rigoroso pai não me permitiam tal atitude.” (29) Aos poucos, abrem-se lhe bons caminhos – é a sobrevivência à miséria. E a luta continua. A essa altura da vida sua convicção evangélica já estava solidificada. Fundou uma revista, *A Seara*, em 1955, de expressivo valor evangélico, vindo a contribuir para

uma nova mentalidade na Igreja. Assim se expressa o autor: "A *Seara* (...) contribuiu fortemente em favor da mudança da mentalidade na Igreja, então comandada por espíritos míopes em alto grau para os quais constituía pecado: ler jornais livros e revistas não religiosas, ir ao cinema e ao teatro, visitar igreja de outra denominação, etc., etc." (29)

Mas advém um terrível tempo de provação. Os fanáticos conservadores o atacaram chamando-o de batista, por defender congressos de jovens e educação teológica; revolveram o seu passado, chamando-o de comunista, porque estava mudando as normas da igreja (30).

A perseguição religiosa era insuportável, como diz o próprio Joanyr: "Eu não contava com ninguém que me desse cobertura. Como Amós, tinha apenas por que lamentar o 'não ser profeta nem filho de profeta'. Não obstante esses fatos, a semente brotou e frutificou." (31)

O sobrevivente outra vez superou a sorte, desta vez, saindo vitorioso na luta por uma visão religiosa coerente com mais largos horizontes.

A sua vida começa a mudar a partir de 1950. Estando no Rio de Janeiro teve a oportunidade de conhecer grandes nomes da nossa literatura, dentre eles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado.

E como tinha o jornalismo no sangue conheceu os grandes monumentos da época: a revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand, a *Manchete* dos irmãos Bloch; o *Diário Carioca*, a *Tribuna da Imprensa*, a *Última Hora*, jornais que revolucionaram a mentalidade deste país (32).

Retomando o passado o autor destaca personagens que marcaram sua vida, amigos, os parentes pobres, alguns atingidos fatalmente por epidemia.

Constata que a sua geração chegou, por fim, a classe média! (33-38). E chegou a bonança. Mudou-se para Brasília em 1960, ano de sua inauguração, aprovado que fora em concurso público; lá

aproximou-se de Anderson Braga Horta, Lina Tâmega del Peloso, Afonso Heliodoro, Ronaldo Cagiano, Napoleão Valadares, dentre outros nomes proeminentes nas artes, na política, na educação.

Assim se expressa o autor com muito orgulho: "e, pioneiros, cooperamos na consolidação da nova capital. Ajudamos nisso – nós, políticos, professores, funcionários públicos, jornalistas, engenheiros, comerciantes, 'candangos' (operários) – partícipes da marcha para o Oeste. Assim, o Brasil buscava (e encontrava!) o seu próprio coração, no ermo e rústico estado de Goiás." (39)

Mas como na vida nem tudo são ouros, o poeta sofre com ataques e com a indiferença de colegas no campo da literatura. E ele sobrevive!

O importante, na poesia de Joanyr, é como o autor tem uma capacidade de transcendência e de transformar a sua experiência pessoal em universal e atemporal – qualidades marcantes de toda obra de arte.

Claudio Feldman, referindo-se a *Raízes do Ser*, diz que "suas lembranças mineiras, pela força de sua poesia, pelas emoções transmitidas em versos de grande beleza, chegam ao leitor como se fossem dele" (90).

Meu primeiro contato com a poesia de Joanyr foi com *O Grito Submerso*. Senti que estava diante de um grande poeta ao escrever "O Reino da Palavra na Poesia de Joanyr de Oliveira", publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais* em 4/12/1982 e transcrito no *Tempo de Ceifar*, p. 303.

Em todas as demais produções do autor podemos verificar a presença da metapoética, a consciência do fazer literário: "Enquanto dorme o mundo,/ apascento as palavras/ (Amo-as desde sempre/ desnudo-as, exploro-as/ de todos os ângulos/ Incorporam-se lentamente/ ao âmago do meu ser.)" (*Antologia Pessoal*, p. 142). Fui agraciado com um poema, "Quase Maiêutica" (*Tempo de Ceifar*, p. 50), e com uma honrosa dedicatória no livro *Luta*

*A(r)mada* – é o único título em que a arquitetura vocabular começa pelo nome do livro. Sua poesia tem muito de musicalidade e luminosidade, em muitos de seus poemas explora a espacialidade, herança do poema concreto.

Não é preciso conhecer a biografia de um autor para compreender a sua obra artística. *Memorial do Sobrevivente* foi o último livro que li.

O que chama a atenção é que toda a sua poesia – e a prosa também – é um reflexo de sua vida. Sua obra *Raízes do Ser* é perfeitamente compreensível sem ajuda da biografia pessoal. O artista tem reservas emocionais, sendo possível despertar no homem comum a leitura de seus próprios sentimentos. Através da transcendência, o tempo e espaço de sua poesia ganha universalidade. (Ver “Raízes do Ser”, publicado no *Jornal da ANE*, ano 2, número 9. E também na revista *O Escritor*, da União Brasileira de Escritores, número 120, dez. 2008.)

Seus temas quase sempre focalizam a liberdade – e os que lutaram por ela. Ver *Luta A(r)mada* ou também alguns poemas que o autor reuniu em *Praça de Guerra*, no *Tempo de Ceifar*. O poeta tem consciência do papel histórico da poesia em busca da paz, opondo-se ao desespero, pela força transformadora da realidade que subjaz ao sentimento existente em todos nós.

Ele também não se esquece das pessoas simples, heróis esquecidos de todo dia. Um de seus mais belos trabalhos é o fotoliterário *Biografia da Cidade*, em que todos merecem atenção – dos candangos aos artistas que traçaram a cidade – livro de poemas e documentário histórico importantíssimo. Joanyr revela seu carinho para com a cidade que viu nascer: “tece-mos a transparente cidade/(nós, dez mil loucos benfazejos.)/ meu verdor juvenil a germinou/ sobre a velha sequidão do Oeste” (“A Cidade Perdida”, em *Biografia da Cidade*, p.58). O tema social foi objeto de

nosso estudo em “Presença do Social na Poesia de Joanyr de Oliveira”, publicado em *Arquitetura dos Dias*, p.189.

A temática religiosa é outra vertente da obra poética de Joanyr de Oliveira, poemas de plenitude espiritual, dentre outros, podem ser lidos em *Cantares* (1996), *Canção ao Filho do Homem* (1998), recolhidos na *Antologia Pessoal*, de 2004. Enquanto pastor evangélico, manifesta a crença na eternidade em uma bela interpretação sobre a morte: “(O Fio) escolhe os escolhidos tão somente,/ tangem-os como a cordeiros, transfigura-os” (*Raízes do Ser*, p. 61). Enfim, outra grande qualidade do poeta-cidadão Joanyr – o valor que dá à amizade. Em carta de 2 de julho de 1992, diz o autor: “Minha homenagem a você em *Luta A(r)mada* é apenas a expressão de meu reconhecimento pela sua atenção, pelo seu valioso julgamento, sempre que lhe submeto meus trabalhos. Espero que nos conheçamos pessoalmente dentro em breve.”

Em maio de 2003 eu o conheci, finalmente. Fui a Brasília para disputar um campeonato de natação – ele fez questão de que fosse seu hóspede e foi comigo ao Complexo Esportivo Ayrton Senna. Disse-me ele: olha que espetáculo mais bonito, tanta gente de espírito jovem, esta da natação máster, nunca havia assistido a uma competição de natação. Pude perceber então aquilo que não está nos livros, sua simplicidade, qualidade dos grandes mestres, e olhar de criança – o poeta sempre vê o mundo como novidade.

E assim o poeta *sobrevive*. Infelizmente pouco conhecido pelo grande público no Brasil, pois fora do eixo Rio-São Paulo – ainda! – grandes poetas permanecem desconhecidos, como ocorre com Bueno de Rivera em Minas ou com Mauro Mota em Pernambuco, e tantos outros! Pouco conhecido ou não, recebeu consagração da crítica brasileira e sua poesia, agora cristalizada, faz parte do riquíssimo painel da literatura brasileira.

Fonte: *Jornal da ANE*, nº 38, fev/mar/2011.